

# Campos Revisited

Ana Clara Magalhães de Medeiros\*

**Fernando Pessoa. *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china, 2014. 752 p.**

Eh-eh-eh-eh eh! Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à à! Nesse tom efusivo e insondável deve começar qualquer comentário a respeito da preciosa *Obra completa* de Álvaro de Campos, organizada pelos entusiastas do legado pessoano, Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, e publicada pela editora Tinta-da-china em 2014 – ano do aniversário número 124 de Campos. Jogo matemático que um místico da estirpe de Fernando Pessoa não desprezaria.

Quando um crítico literário e um filósofo investigativo unem-se a uma editora insuflada de cuidado e criatividade, o resultado não pode ser outro que não uma publicação compromissada com a excepcionalidade da obra que apresenta. A combinação Pizarro mais Tinta-da-china tem trazido a público, via coleção Pessoa, uma série de textos que permaneciam embaralhados na arca mais valiosa da Língua Portuguesa, sem leitores que usufruíssem dos 136 heterónimos recém-descobertos (*Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*, 2013), acompanhassem criticamente a saga sem fatos de Bernardo Soares ou visitassem os escritos inéditos do engenheiro, tão debochados quanto o próprio autor.

A *Obra completa* inicia-se apresentando toda a poesia de Campos, já publicada e inédita. Aí estão – para mencionar alguns – os célebres “Opiário”, “Ode Marítima”, “Tabacaria” e “Lisbon Revisited” (os dois poemas). A seção de poesia congrega ainda, em “Poesia – Anexos”, um conjunto de textos inacabados ou fragmentários que aparecem divididos em dois grupos: *Clearly Campos* ou *Maybe Campos*. A segmentação faz referência ao poema intitulado “Clearly Non-Campos!”, do heterônimo, e é já conhecida dos leitores via artigo intitulado “Clearly Campos?”, anteriormente publicado em 2013 por um dos editores, Jerónimo Pizarro. O objetivo deste jogo que vai do *clearly* ao *maybe* é compartilhar, com o leitor, um problema de pesquisador: quais indícios permitem definir o que é realmente de Campos? O *estilo* Campos é definível? O exercício é inconcluso e movediço, mas instigante. No grupo *Maybe Campos*, por exemplo, há poema que outras edições (como a de Maria Aliete Galhoz em 1969) enquadram com convicção na seção das *Ficções do Interlúdio* assinada pelo engenheiro:

---

\* Universidade de Brasília.

Cruz na porta da tabacaria!  
 Quem Morreu? O proprio Alves? Dou  
 Ao diabo o bem-star que trazia.  
 Desde ontem a cidade mudou

[...]

Elle era o dono da tabacaria.  
 Um ponto de referencia de quem sou.  
 Eu passava ali de noite e de dia.  
 Desde hontem a cidade mudou

(Pessoa, 2014: 371-372).

“Tabacaria” (1928) é, possivelmente, o poema mais conhecido e recitado de Álvaro de Campos. Dentro da poética heteronímica, erigida a palavra “tabacaria” – como em “Cruz na porta da tabacaria!” (1930) – o pensamento encaminha-se diretamente para o mundo narrado pelo engenheiro das janelas de seu quarto. No texto de 1928, o eu poético apresenta-nos o Dono da Tabacaria, que sorri enigmaticamente no último verso – mas não o conhecemos pelo nome. Conhecemos o Esteves – esse, no entanto, é um cliente que mete troco na algibeira das calças. Agora, morreu o Alves – “elle era o dono da tabacaria”.

Como informam os editores em nota ao poema, Teresa Rita Lopes não vê no escrito de 1930 ritmo, estilo ou atitude de Campos. Pizarro e Cardiello avisam que o manuscrito encontrava-se em envelope junto a outros poemas do autor de “Tabacaria”, por isso o alocam no grupo *Maybe Campos*, à revelia da opinião de Lopes. O ritmo pode não ser o mesmo, tampouco o estilo mais enxuto. A narrativa contida no poema – índice relevante em se tratando do poeta mais prosaico do drama em gente pessoano –, porém, remete a algumas *personagens* literárias que só podem ser de Campos. Se o homem biográfico Fernando Pessoa redimensionou os limites da autoria, sua obra – melhor, sua e de seus companheiros de versos – extrapola as fronteiras entre prosa e poesia, o que nos permite ratificar a opção deste volume: o poema é provavelmente de Campos pelos personagens que habitam sua poética.

Adiante no livro, deparamo-nos com a prosa completa que abrange a produção “Publicada em vida” (vida de Pessoa? Qual é o Ano da Morte de Álvaro de Campos?), as delicadas “Notas para recordação do meu Mestre Caeiro” – verdadeiro tratado estético-artístico –, além da prosa até aqui “Não publicada”, de “Entrevista”, “Correspondências” (de que fazem parte os divertidíssimos escritos a José Regio e a Ophelia Queiroz), “Prefácios”, “Outros textos” e “Anexos” (nestes lança-se mão, uma vez mais, do sistema classificatório – *Clearly Campos* ou *Maybe Campos* ora explanado). Certamente que a experiência de Cardiello e Pizarro, advinda da edição, em 2012, do primeiro volume crítico da prosa de Campos, incutiu-lhes domínio para perscrutarem com segurança o labirinto que é a prosa de

um polemista – “Desde que uma cousa cabe em palavras, cabe na compreensão dos outros” (Pessoa, 2014: 495). É preciso dizer que a *Obra* conta ainda com notas que são mesmo pequenos textos de crítica literária ou editorial, excertos provocadores de pensamento ou cuidadosos esclarecimentos ortográficos. De fato, uma *Obra completa*.

Há ainda uma decisão editorial que destacamos: desde a capa do exemplar até a última nota, assume-se a autoria efetiva de Álvaro de Campos. Finalmente o mercado editorial e os pesquisadores pessoanos concordaram que Campos é Campos, diferente de Pessoa porque detentor de projeto artístico, produção bibliográfica e enredo biográfico diversos do autor da *Mensagem*. Não nos parece ser despretensiosamente que os organizadores escolhem uma única epígrafe para todo o volume e lançam-na lá em meados da prosa, antecedendo as “Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro”: “Que importa existir, se se é?” (Pessoa, 2014: 451).

Com esta sentença enxuta, simples e incisiva (que empresta o estilo caeiriano), os responsáveis pelo volume assumem uma postura que é editorial, como também crítica: se as criações heteronímicas de Pessoa são (com toda a contundência do verbo *ser*) autores, que importa se existem ou não? Importa que suas obras são contributos incontornáveis à literatura em Língua Portuguesa e desconsiderar o valor autoral de cada figura do *drama em gente* é arrancar agressiva e irresponsavelmente o peso de um Álvaro de Campos para a tradição poética modernista luso-brasileira, de um Alberto Caeiro para a arquitetônica textual pessoana e de um Ricardo Reis para a poesia perseverantemente clássica que nossos autores ensaiam até hoje. Se, como afirma Campos, “fazer arte é confessar que a vida ou não presta ou não chega” (2014: 446), completamos resolutos: *clearly*, Álvaro de Campos é artista como poucos.

Seja em poesia ou em prosa, toda a obra desbravada é revelada com a *graphya* não necessariamente usual até fins da década de 1930, senão escolhida por Campos, Pessoa ou qualquer dos heterônimos. Daí erige mais um aspecto compositivo da arte desses poetas que não seria plenamente captada não fosse o empenho de uma edição crítica. Os pesquisadores não deixam de apontar ali notas e mais notas referentes às diversas grafias possíveis de acordo com testemunhos vários encontrados. Escreveu o saudosista Teixeira de Pascoaes, um dia, sobre o quanto serve um *y* em detrimento de um *i* (latino) para fazer surtir o efeito *abysmático* e *mysterioso* que certas palavras requerem. Em alguma medida, a opinião de Pascoaes parece cingida pela de Campos – que pode bem não crer nos *abysmos* (desconfiamos disso), mas não prescinde da profundidade máxima para o vocábulo garantida pela letra grega: “Não há *abysmos*! | Nada é sinistro! | Não há *mysterio* ou verdade!” (Pessoa, 2014: 170).

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra! E essa edição deixa qualquer leitor aficionado pela heteronímia com saudades do futuro de uma *Obra completa* de

Alberto Caeiro. Seja pelos textos situados na transição de mestre para discípulo (“De Caeiro a Campos”), pelos “Apontamentos para uma esthetica não-aristotelica”, pela “Nota ao acaso” ou pelas já mencionadas “Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro” – que ganharam, merecidamente, pelo grau de teoria heteronímica e pela densa crítica literária que apresentam, uma seção inteiramente dedicada a elas –, seja, ainda, pelos prosaicos e nostálgicos versos da “Ode mortal” e de “Mestre, meu mestre querido!”, por qualquer dessas razões, a obra de Campos, conjunturalmente organizada, incute-nos a ansiedade por uma edição tão completa e tão cuidadosamente planejada que propague escritos do Caeiro que ainda nem descobrimos ou que já conhecemos (mas apenas de ouvir num poço tapado), que incrementa, enfim, a nossa biblioteca (borgeana, por infinita; pessoana por indecifrável) carente de um Mestre. Uma edição é eficiente quando garante que o público a leia. É surpreendente quando, em si, gesta *Obras* futuras e desassossega leitores.

Campos: outra vez te revejo. Como coisa real por *fóra* na *Obra completa* que te redimensiona à medida exata de sagaz escritor em poesia, prosa e polêmica. Como coisa real por dentro, neste conjunto heteronímico em que – tudo é sonho –, porém é também texto, palavra, ação. Campos: outra vez te revejo. Velho conhecido futurista, redescoberto prefacista brilhante ou esteta de vanguarda aparecido: obriga-nos a sentir tudo de todas as maneiras, viver tudo de todos os lados e realizar em nós toda a humanidade de todos os momentos. Campos: o leitor casual, o pesquisador, o curioso, o esteta, o acadêmico, o desdenhoso, o especialista e o banal – todos – outra vez te revemos: ATENÇÃO! De braços erguidos, fitando o Atlântico, saudamos abstratamente o Infinito da tua obra!